

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA - ILEEL

CARLOS EDUARDO DE OLIVEIRA

O horror psicológico em Edgar Allan Poe:
uma análise de técnicas narrativas

Uberlândia-MG

2025

CARLOS EDUARDO DE OLIVEIRA

O horror psicológico em Edgar Allan Poe:
uma análise de técnicas narrativas

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Instituto de Letras e Linguística da
Universidade Federal de Uberlândia como
requisito para graduação.

Orientadora: Profa. Dra. Fernanda Aquino
Sylvestre

Uberlândia-MG

2025

CARLOS EDUARDO DE OLIVEIRA

O horror psicológico em Edgar Allan Poe:
uma análise de técnicas narrativas

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Instituto de Letras e Linguística da
Universidade Federal de Uberlândia como
requisito para graduação.

Orientadora: Profa. Dra. Fernanda Aquino
Sylvestre

Uberlândia, 07 de maio de 2025.

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Fernanda Aquino Sylvestre - UFU

Prof. Dr. Ivan Marcos Ribeiro - UFU

Dra. Ana Cristina Tannús Alves

RESUMO

Este trabalho investiga o horror psicológico nas obras de Edgar Allan Poe, com foco nas técnicas narrativas utilizadas pelo autor para provocar um efeito único de inquietação no leitor. A partir da análise dos contos “O coração delator”, “O gato preto” e “O barril de Amontillado”, discute-se como Poe estrutura suas narrativas de modo a explorar os recantos mais sombrios da mente humana. O estudo parte do conceito de unidade de efeito, conforme proposto por Poe em seu ensaio *The Philosophy of Composition*, e destaca a importância do narrador não confiável na construção do terror psicológico. Fundamentado em teóricos como Wayne C. Booth, Fred Botting e Jakob Lothe, o trabalho evidencia como a perspectiva distorcida e subjetiva dos narradores mergulha o leitor em estados de tensão, dúvida e ambiguidade moral. A ambientação gótica e os símbolos utilizados nos contos também são analisados como extensões da mente perturbada das personagens. Conclui-se que a eficácia do horror psicológico em Poe reside não apenas na temática sombria, mas na forma como a narrativa é conduzida para manipular a percepção do leitor, desafiando-o a distinguir entre o real e o imaginário, entre a sanidade e a loucura.

Palavras-chave: Edgar Allan Poe; horror psicológico; narrador não confiável; efeito único; literatura gótica.

ABSTRACT

This paper investigates psychological horror in the works of Edgar Allan Poe, focusing on the narrative techniques used by the author to provoke a unique effect of unease in the reader. Through the analysis of the short stories “The Tell-Tale Heart,” “The Black Cat,” and “The Cask of Amontillado,” the study examines how Poe structures his narratives to explore the darkest recesses of the human mind. Grounded in Poe’s concept of unity of effect, as outlined in *The Philosophy of Composition*, the research emphasizes the role of the unreliable narrator in the construction of psychological horror. Drawing on theorists such as Wayne C. Booth, Fred Botting, and Jakob Lothe, this work demonstrates how the distorted and subjective perspective of the narrators immerses the reader in states of tension, doubt, and moral ambiguity. The Gothic settings and symbols are also examined as extensions of the characters’ disturbed minds. It concludes that the effectiveness of Poe’s psychological horror lies not only in his dark themes but in the way the narrative is crafted to manipulate the reader’s perception, challenging them to distinguish between reality and imagination, sanity and madness.

Keywords: Edgar Allan Poe; psychological horror; unreliable narrator; unity of effect; Gothic literature.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	7
2	O HORROR PSICOLÓGICO COMO EFEITO ÚNICO	9
3	O NARRADOR NÃO CONFIÁVEL	11
4	ANÁLISE DOS CONTOS.....	13
4.1	O coração delator.....	13
4.2	O gato preto.....	15
4.3	O barril de Amontillado	17
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	19
	REFERÊNCIAS.....	21

1 INTRODUÇÃO

Edgar Allan Poe (1809-1849) foi um escritor, poeta, editor e crítico literário norte-americano, amplamente reconhecido por suas obras obscuras e misteriosas que exploram temas como morte, perda e horror psicológico. Uma das principais figuras do movimento romântico dos Estados Unidos, Poe é considerado um dos mestres do horror psicológico e do gênero gótico na literatura ocidental, cuja influência se estende à literatura, música e cultura popular até hoje. As obras do autor se destacam pela capacidade de explorar a mente humana, frequentemente retratando personagens em estados mentais alterados que os conduzem a atos de violência, obsessão e paranoia.

O presente trabalho tem como objetivo analisar as técnicas narrativas empregadas por Edgar Allan Poe na construção do horror psicológico, com ênfase nos contos “O coração delator”, “O gato preto” e “O barril de Amontillado” e demonstrar como Poe constrói narrativas em que o verdadeiro terror reside na complexidade psicológica de seus personagens. Esses textos ilustram alguns dos aspectos mais marcantes do estilo de Poe e revelam como o horror psicológico pretendido pelo autor emerge da interioridade dos personagens.

Em “O coração delator”, o narrador é consumido por uma paranoia que o leva ao limite da sanidade; em “O gato preto”, um protagonista aparentemente racional é lentamente dominado por uma natureza cruel e destrutiva; e em “O barril de Amontillado”, o leitor acompanha uma vingança cuidadosamente planejada e executada de forma fria e cruel. Cada um desses contos revela uma faceta distinta do horror psicológico e a maneira meticulosa com que Poe constrói suas narrativas para causar um impacto profundo no leitor.

A escolha deste tema decorre do interesse pela Literatura Fantástica e da relevância de Edgar Allan Poe, cuja obra exerceu uma influência direta nos gêneros literários aos quais se dedicou e ainda se faz presente no terror contemporâneo e na cultura popular. Ao analisar seus contos, é possível compreender as origens do horror psicológico e sua ênfase na instabilidade mental dos personagens. O estudo justifica-se pela contribuição de Poe ao gênero e por sua abordagem pioneira da mente humana em um período anterior à consolidação da psicologia como ciência. Sua obra estabelece um modelo narrativo que permanece atual, tornando esta análise pertinente tanto para os estudos literários quanto para a compreensão do impacto cultural do autor.

O estudo parte da noção de “efeito único”, conforme apresentada no ensaio “The Philosophy of Composition” (1846), no qual o autor defende que cada elemento da narrativa deve contribuir de forma planejada para a criação de um efeito emocional específico. Além

disso, o conceito de “narrador não confiável”, conforme discutido por Wayne C. Booth (1961) e Jakob Lothe (2000), é adotado como chave interpretativa para compreender a construção subjetiva e ambígua da realidade nos contos analisados. Também são utilizadas contribuições de Fred Botting (1996), que analisa a transição do gótico clássico para o horror psicológico em Poe e o conceito freudiano do *unheimliche* (o inquietante) é aplicado para explicar como Poe transforma o familiar em algo perturbador.

A metodologia utilizada é a análise literária qualitativa, baseada em uma leitura crítica dos textos selecionados e em diálogo com teóricos como Booth (1961), Botting (1996), Lothe (2000), Freud (1919) e Pérez (2020). O trabalho está organizado da seguinte forma: após esta introdução, o capítulo dois discute o conceito de horror psicológico como efeito único; o capítulo três explora o papel do narrador não confiável nas narrativas de Poe; o capítulo quatro apresenta a análise detalhada dos contos; por fim, são tecidas as considerações finais com base nas análises realizadas ao longo do estudo.

2 O HORROR PSICOLÓGICO COMO EFEITO ÚNICO

Em seu ensaio “The Philosophy of Composition” (1846), Poe expõe os mecanismos inerentes ao próprio processo criativo, demonstrando como estruturava intencionalmente seus contos e poemas. O texto é particularmente relevante porque revela o cuidado minucioso do autor na escolha de cenários, personagens e linguagem, sempre com o propósito de guiar a percepção do leitor, influenciar suas emoções e conduzi-lo a uma experiência específica. Poe defende que uma obra de arte bem-sucedida deve possuir uma unidade de efeito, o que significa que todas as partes dessa obra devem trabalhar juntas para reforçar o efeito escolhido. Cada incidente, descrição e diálogo devem ser selecionados e arranjados para contribuir para o clímax emocional da obra; qualquer elemento que não sirva a esse propósito, enfraquece a unidade da composição.

Ao longo do ensaio, Poe concede amplo valor à originalidade e insiste que o escritor deve buscar efeitos novos e únicos para capturar a atenção do leitor. No entanto, a originalidade não deve ser vista como inspiração espontânea, mas sim como resultado de planejamento cuidadoso e esforço consciente, já que “nada é mais claro do que cada enredo, digno desse nome, deve ser elaborado até seu desfecho antes que qualquer coisa seja tentada com a pena” (Poe, 1846, p. 1). Essa abordagem metódica permite que ele controle cada aspecto da narrativa, desde o tema até o tom, para garantir que o efeito desejado seja alcançado. No caso do horror psicológico, Poe escolhe temas que exploram a fragilidade da mente humana, como a culpa, a paranoia e a obsessão, desenvolvendo-os de forma a criar uma atmosfera de tensão crescente.

Poe é um dos escritores mais influentes do gênero gótico e do horror psicológico, conhecido por suas narrativas que exploram os aspectos mais sombrios da mente humana. Diferentemente do horror tradicional, que se baseia na ação de elementos externos para causar medo, o horror psicológico de Poe emerge das profundezas da psiquê de seus personagens, evidenciando estados mentais alterados, paranoia e obsessão. Fred Botting, em “Gothic” (1996), analisa como Poe leva ao extremo as distorções da imaginação em suas narrativas macabras ao transformar os elementos tradicionais do gótico do século XVIII – como decadência, escuridão e excesso – em representações psicológicas de mentes perturbadas, criando “psicodramas de imaginação doentia e visões delirantes” (Botting, 1996, p. 78). Essa exploração da psiquê perturbada de seus personagens é o cerne do horror psicológico em sua obra, criando uma sensação de terror que vem de dentro, em vez de depender de ameaças externas.

Além disso, Botting (1996) destaca como os espaços descritos nas histórias de Poe possuem um caráter simbólico, na medida em que a ambientação exótica e sombria funciona como extensão da psiquê das personagens, refletindo estados mentais transtornados e excessos imaginativos. Botting também ressalta que Poe "questiona e promove os poderes sombrios da imaginação, deixando as fronteiras entre realidade, ilusão e loucura sem resolução" (Botting, 1996, p. 78). Essa ambivalência é crucial para o efeito psicológico de suas histórias, pois mantém o leitor em um estado constante de dúvida e tensão. Ao invés de racionalizar ou domesticar os motivos góticos, como faziam muitos de seus contemporâneos, Poe se dedica à subjetividade da mente humana, explorando ansiedades universais sobre a morte, identidade e sanidade.

De maneira complementar, Pérez (2020) afirma que vez de assustar o leitor com o desconhecido, Poe o confronta com o familiar transformado em algo estranho e perturbador. A autora relembra o conceito de *unheimliche* (o inquietante), que Freud descreveu como "aquela espécie de coisa assustadora que remonta ao que é há muito conhecido, ao bastante familiar" (Freud, 1919, p. 249) e adiciona que Poe é um dos poucos autores em que podemos encontrar com tanta precisão os limites entre fantasia e realidade. Poe evoca o inquietante ao procovar no leitor um sentimento de incerteza e desconfiança, trazendo temas e histórias que se aproximam da realidade, assim como personagens que no primeiro momento parecem pessoas comuns. Depois, o autor subverte essa lógica ao expor a mente perturbada de seus narradores ou uma percepção distorcida da realidade. Dessa forma, Poe obriga o leitor a transitar no limiar entre o que é real e o que é imaginário, entre o natural e o sobrenatural. O autor afirma que:

O medo do inquietante aparece quando enfrentamos as imagens disfarçadas e distorcidas do nosso desejo reprimido. É possível que o terror derive simples e diretamente dos nossos próprios sentimentos de medo, dor ou morte, das ameaças que podem nos prejudicar ou que simplesmente não reconhecemos. A intensidade das emoções que são produzidas pelo sobrenatural cria dúvidas e confusão. (Pérez, 2020, p. 132)

Assim, o horror psicológico em Poe é construído a partir de uma combinação de elementos narrativos que exploram os recessos mais sombrios da mente humana. Em seu ensaio, "A Filosofia da Composição", Poe demonstra que o efeito único de terror é alcançado não por acaso, mas por meio de um planejamento meticuloso que envolve a escolha de temas perturbadores, a criação de atmosferas opressivas e o uso estratégico da narrativa em primeira pessoa. Essa abordagem permite que o leitor seja conduzido a uma experiência emocional intensa, em que a linha entre realidade e ilusão se dissolve, e o familiar se transforma em algo profundamente inquietante.

No entanto, a eficácia desse horror psicológico não reside apenas na construção da atmosfera ou na escolha dos temas, mas também na figura do narrador, cuja percepção distorcida da realidade nos leva a questionar a própria natureza da verdade. Pérez, ao citar Herrero, destaca que “a essência do estranho está ligada ao conceito do narrador não confiável (o racional versus o irracional, o natural versus o sobrenatural) [...]” (Herrero, 1998, p. 27 apud Pérez, 2020, p. 133). É justamente essa ambiguidade narrativa, essa dúvida sobre a confiabilidade do narrador, que será explorada na próxima seção, onde discutiremos como Poe utiliza narradores não confiáveis para amplificar o efeito de horror e manter o leitor em um estado constante de tensão e desconfiança.

3 O NARRADOR NÃO CONFIÁVEL

Edgar Allan Poe utiliza um repertório de técnicas narrativas na criação de suas obras de horror psicológico com o objetivo de inserir o leitor na realidade subjetiva de seus personagens. Um ponto central em seu método é a utilização de narradores não confiáveis que distorcem a verdade por meio de suas lentes de loucura, obsessão ou culpa, provocando incerteza e um engajamento ativo dos leitores perante o texto, como será demonstrado na seção seguinte onde os contos selecionados serão analisados.

O conceito de narrador não confiável foi cunhado por Booth, em sua obra seminal "The Rhetoric of Fiction" (1961), que o define como aquele que "diverge marcadamente das normas do autor implícito" (Booth, 1961, p. 159). Essa divergência pode ocorrer em vários níveis: intelectual, emocional ou moral. Booth argumenta que a confiabilidade de um narrador depende de quão distante ele está das normas do autor implícito, que pode ser entendido como a imagem do autor que o leitor infere a partir do texto, com base nas escolhas narrativas, no tom, nas normas e nos valores apresentados na obra. Booth explica que "o autor implícito é quem nós, como leitores, construímos para dar sentido ao texto" (Booth, 1961, p. 77) e serve como um guia para o leitor, ajudando-o a julgar a confiabilidade do narrador.

Booth (1961) também destaca que quanto mais profunda a visão interna que um narrador proporciona, menos confiável ele é, especialmente em narrativas de fluxo de consciência, em que o leitor é levado a experimentar os pensamentos íntimos e muitas vezes caóticos do narrador. Essa observação é relevante para a análise das obras de Poe, que utiliza a narrativa em primeira pessoa e monólogos internos nos contos analisados para imergir o leitor nas profundezas psicológicas das personagens. Ao fazer isso, Poe cria uma tensão entre o leitor e o

narrador, levando o primeiro a questionar a cada momento se os fatos narrados correspondem à realidade ou são distorcidos pela mente desequilibrada do narrador.

Jakob Lothe, em "Narrative in Fiction and Film: An Introduction" (2000), expande as ideias de Booth ao discutir como a confiabilidade de um narrador é influenciada pelas convenções narrativas e pelas expectativas do leitor. Lothe afirma que "a atitude do leitor em relação aos textos narrativos é influenciada por convenções, ou seja, noções e expectativas costumeiras que estão tão enraizadas que não pensamos sobre elas" (Lothe, 2000, p. 25). Isso significa que os leitores tendem a confiar no narrador a menos que o texto forneça sinais claros de que ele não é confiável. Lothe identifica três características principais que podem indicar a não confiabilidade de um narrador: (1) "o narrador tem conhecimento ou percepção limitada sobre o que está narrando", (2) "o narrador tem um envolvimento pessoal forte (de uma forma que torna sua apresentação e avaliação narrativa marcadamente subjetiva)", e (3) "o narrador parece representar algo que entra em conflito com o sistema de valores apresentado pelo discurso como um todo" (Lothe, 2000, p. 26). Essas características ajudam a explicar por que alguns narradores são percebidos como não confiáveis, mesmo quando não estão mentindo intencionalmente.

A ideia de que a não confiabilidade do narrador pode ser sinalizada pelo texto é determinante para a teoria de Lothe. Ele argumenta que "o narrador se torna não confiável se o texto sinalizar para não acreditar nele, e nesse caso, a autoridade do narrador pode ser minada" (Lothe, 2000, p. 26). Portanto, a não confiabilidade não é apenas uma questão de o narrador divergir das normas do autor implícito, mas também de o texto fornecer pistas que levem o leitor a questionar a veracidade ou a objetividade do narrador. Nesse sentido, Poe vale-se desse artifício em seus contos ao deliberadamente fornecer evidências ao longo do texto (às vezes logo no primeiro parágrafo) de que a confiabilidade do narrador deve ser questionada. Tais evidências aparecem no texto como contradições entre o discurso do narrador e suas ações, a aparente calma e frieza na execução de atrocidades por parte dos narradores ou ainda por declarações explícitas de que os fatos narrados não são críveis.

Portanto, a utilização da narrativa em primeira pessoa sob as lentes de narradores não confiáveis pode ser destacada como preponderante nas obras de Poe, aproximando o leitor da história e do universo psicológico das personagens e, concomitantemente, levando-o a questionar as informações recebidas pelo narrador ao tentar compreender o que se passa no texto. Dessa forma, Poe convida o leitor a uma análise crítica das palavras e ações dos narradores, pois estes ao demonstrarem ser não confiáveis, passam a ter sua inteligência, sanidade, interesses, limitações, medos e obsessões constantemente indagadas na busca pelo

sentido da história. Essa estratégia narrativa não apenas engaja o leitor em um processo ativo de interpretação, mas também intensifica sua resposta emocional, provocando um estado constante de tensão e incerteza ao decifrar as camadas de subjetividade no discurso do narrador. Assim, a não confiabilidade do narrador não é meramente um recurso técnico na escrita de Poe, mas uma ferramenta essencial para mergulhar o leitor nas profundezas do horror psicológico onde a linha entre sanidade e loucura, realidade e ficção se tornam cada vez mais tênues.

4 ANÁLISE DOS CONTOS

Com base nos conceitos teóricos abordados nas seções anteriores, a seguir serão analisados três contos de Edgar Allan Poe — “O coração delator”, “O gato preto” e “O barril de Amontillado” — com o objetivo de demonstrar como o autor constrói o horror psicológico por meio da técnica do efeito único, da figura do narrador não confiável e de ambientações simbólicas que espelham o estado mental dos personagens. A escolha desses contos se deve à relevância que cada um apresenta no conjunto da obra de Poe e à forma como exploram, sob diferentes ângulos, as manifestações da loucura, da obsessão e da paranoia, elementos centrais para a construção do terror que emana da mente humana.

4.1 O coração delator

O conto “O coração delator”, um dos contos mais famosos de Poe, retrata por meio de narração em primeira pessoa, um narrador que não é nomeado defendendo sua sanidade ao assassinar um velho senhor em sua própria cama. Já no primeiro parágrafo, o narrador nos questiona: “**É VERDADE!** Mas por que pretende o senhor que estou louco? A doença aguçou-me os sentidos, não os destruiu nem enfraqueceu.” (Poe, 2008, p. 228) e imediatamente somos levados a questionar a sanidade que ele alega para si. Conforme o narrador continua, ele declara “Ouço todas as coisas no céu e na terra, ouvi muitas no inferno” (Poe, 2008, p. 228) e ainda “O senhor julga-me doido” (Poe, 2008, p. 228) antes de tentar provar ao leitor (e a si mesmo) o quão prudentemente agiu para cometer o seu crime. Logo na primeira página do texto, a atitude defensiva do narrador com relação a sua sanidade nos dá indicativos que colocam em dúvida a sua confiabilidade. Dessa forma, como discutido na seção 3, o autor implícito está deliberadamente convocando o leitor para pensar sobre a confiabilidade do narrador, permitindo assim, desde o princípio, a imersão desse leitor no universo narrativo criado, enquanto reconhece as pistas sobre a sanidade do narrador e acompanha o desenrolar dos fatos.

Outro ponto de atenção para a não confiabilidade do narrador que fica claro com o decorrer do texto é que o narrador está diretamente envolvido na situação, fazendo com que suas impressões sejam tendenciosas e sua visão pessoal influencie na narrativa da história. O leitor, imerso na narrativa em primeira pessoa não tem outra escolha, a não ser se tornar uma testemunha e cúmplice do narrador ao acompanhar o assassino na espreita por sua presa até o momento do crime. Nesse ponto, já está evidente que o narrador entra em conflito com o sistema de valores do autor implícito, que assumimos não ser um assassino desequilibrado mentalmente e não pode concordar com o tratamento desumano dado ao velho assassinado. Assim, a utilização da narrativa em primeira pessoa aliada ao narrador não confiável introduz o leitor à perspectiva interna do personagem, compartilhando sua visão fragmentada e paranoica da realidade, sendo portanto, fatores determinantes para a construção do horror psicológico da história.

A obsessão do narrador com o olho do velho é outro elemento central na história que Poe utiliza para amplificar a sensação de desconforto e horror psicológico. Ele afirma que “Um de seus olhos parecia o de um abutre – uma pupila azul clara um tanto embaciada” (Poe, 2008, p. 228) e justifica seu desejo de matar o velho não por ódio, mas por causa do olho, que ele considera maligno: “Estimava o velho – que nunca me enganara e nem me insultara – e não lhe cobiçava o dinheiro. Creio que foram os olhos dele” (Poe, 2008, p. 228). O olho se torna um elemento simbólico que evoca o inquietante, já que o que deveria ser uma parte comum do corpo, transforma-se em um objeto de terror para o narrador, revelando sua paranoia e instabilidade mental.

O clímax do conto ocorre quando o narrador começa a ouvir o coração da vítima, mesmo após cometer o assassinato, esquartejar o corpo e escondê-lo sob o assoalho do quarto: “Era um som *fraco, rápido e surdo, semelhante ao tique-taque de um relógio enrolado em algodão*” (Poe, 2008, p. 232) e ainda “Tornava-se cada vez mais forte, mais poderoso, mais *retumbante!*” (Poe, 2008, p. 233). Nesse momento a polícia estava no local e prestes a ir embora, aparentemente convencidos com as explicações do narrador: “Os policiais estavam satisfeitos. Meu *comportamento* os convencera. Sentia-me singurlamente à vontade” (Poe, 2008, p. 232), mas toda a calma e frieza que o narrador demonstrou durante toda a história se desfaz com as batidas imaginárias do coração e ele finalmente confessa o crime: “– Miseráveis! – bradei- Não precisam mais disfarçar! Confesso o crime! Levantem as tábuas! Ali, ali! É a palpitação de seu coração odioso!” (Poe, 2008, p. 233).

A genialidade de Poe em “O Coração Delator” reside na forma como ele constrói um narrador cuja própria tentativa de provar sua sanidade acaba por revelar sua profunda

instabilidade mental. A obsessão com o olho do velho e a audição do coração batendo, mesmo após o assassinato, são elementos que não apenas evidenciam a paranoia do narrador, mas também mergulham o leitor em um estado de tensão crescente. Ao utilizar a narrativa em primeira pessoa, Poe permite que o leitor experimente diretamente a mente perturbada do assassino, compartilhando sua visão distorcida da realidade e sua desintegração psicológica durante a confissão final. O leitor pode concluir que os eventos em si são verdadeiros, pois há evidências claras (houve um assassinato, o corpo foi escondido embaixo do assoalho, a polícia investigou e o assassino confessou), mas não pode confiar que esses eventos aconteceram da forma que foram descritos, pois a interpretação da realidade através das lentes do narrador é tendenciosa e enganadora. Dessa forma, Poe não apenas explora os limites entre sanidade e loucura, mas também desafia o leitor a questionar a própria natureza da realidade, criando uma experiência narrativa que permanece inquietante mesmo após o término da leitura.

4.2 O gato preto

Em “O gato preto”, Poe explora o medo da loucura por meio de seu narrador em primeira pessoa que exibe vários traços de uma perda acentuada da razão ao mutilar um gato inocente, enforcá-lo, matar a sua esposa em um acesso de raiva e depois empregar o cadáver em decomposição atrás de uma parede de tijolos. Ao longo do texto, o narrador não admite sua condição de insanidade e tenta atribuir a causa de sua prisão a uma infeliz sequência de acontecimentos que estavam fora de seu controle. No entanto, o leitor percebe durante a leitura que o alcoolismo pode ter agido como um catalisador para a transformação psicológica do protagonista que, inicialmente parece racional e amoroso, mas não foi a causa para suas ações violentas.

Para a narrativa muito estranha, embora familiar, que ora começo a escrever, não espero nem peço crédito. Louco, na verdade, seria eu se o esperasse num caso em que meus sentidos rejeitam seu próprio testemunho. Louco, porém não sou e, com toda a certeza, não estou sonhando. Mas como amanhã morrerei, quero hoje aliviar a minha alma. (Poe, 2008, p. 69)

Assim como no conto analisado anteriormente, o autor implícito sinaliza ao leitor logo no início do texto de que a confiabilidade do narrador deve ser debatida, pois este declara que sua narrativa não merece crédito e que seus próprios sentidos rejeitam o seu testemunho. O narrador tenta justificar os seus atos e conquistar a empatia do leitor dizendo: “desde a infância, fiz-me notar pela docilidade e humanidade de meu caráter” e de que Plutão, o gato preto que ele posteriormente mutila e mata, era seu “bicho preferido e companheiro”, e credita a sua

mudança de comportamento e a escalada de agressões ao álcool que o tornava “dia a dia mais caprichoso, mais irritável, mais indiferente aos sentimentos alheios” (Poe, 2008, p. 70). Pouco depois, ele arranca o olho de seu gato favorito e culpa o “espírito de perversidade” pelo assassinato do mesmo animal, enquanto tenta encobrir sua loucura ao racionalizar o ato horrendo como sendo passível de acontecer com qualquer pessoa: “quem já não se viu, centenas de vezes, a cometer um ato vil ou estúpido por nenhuma razão que não a de saber que não devia cometê-lo? (Poe, 2008, p. 72). Dessa forma, o narrador tenta tornar sua história crível e influenciar o leitor para ocultar sua própria loucura, direcionando a crença de quem lê ao inexplicável e a inocência do narrador.

Poe adiciona o elemento inquietante com o aparecimento do segundo gato, uma cópia exata de Plutão, exceto por uma mancha indistinta no pescoço, que o narrador um tempo depois descreve horrorizado como “uma imagem horrenda, de uma coisa apavorante, de uma FORÇA” (Poe, 2008, p. 75). Nesse momento, a manipulação presente no discurso do narrador já não é suficiente para encobrir sua instabilidade mental, na medida que o leitor reconhece que a possibilidade de outro gato idêntico ao primeiro aparecer é extremamente baixa e que a aparente semelhança é provavelmente decorrente da consciência culpada do narrador que matou Plutão brutalmente sem nenhuma razão tangível. Novamente a não confiabilidade do narrador se dá pelo distanciamento moral, intelectual e emocional do autor implícito e pelo elevado grau de envolvimento do narrador com os fatos narrados.

Quando o narrador finalmente mata sua esposa, seu comportamento calmo após o assassinato o denuncia como alguém que perdeu seu juízo normal, apresentando um comportamento indiferente e insensível. Depois de esconder o corpo da esposa, ele diz: “tratei, em seguida, de procurar o animal que fora a causa de tamanha desgraça” (Poe, 2008, p. 77), demonstrando que está totalmente focado no gato e que a morte da esposa foi um acidente infeliz, mas que pouco importa se comparado a obsessão e ao ódio pelo gato. O leitor tem outros indicativos da falta de remorso do narrador quando ele afirma que “é impossível descrever ou imaginar a profunda, a abençoada sensação de alívio que a ausência da detestada criatura causava em meu íntimo” (Poe, 2008, p. 77) e também que “minha felicidade era total! Muito pouco me perturbava a culpa por minha negra ação” (Poe, 2008, p. 78). Mesmo quando o crime é descoberto pelos gemidos do gato emparedado junto a esposa, o narrador se recusa a reconhecer seu estado mental deteriorado, demonstrando que o medo de se ver ou ser considerado louco é maior do que o medo da morte iminente:

Sobre sua cabeça, com a boca vermelha escancarada e o ígneo olho solitário, estava assentado o horrendo animal, cuja astúcia me induzira ao crime e cuja voz delatora

me havia apontado ao carrasco. Eu havia emparedado o monstro no túmulo. (Poe, 2008, p. 79)

Portanto, em “O gato preto”, Edgar Allan Poe busca atingir o horror psicológico ao explorar um tema que era particularmente temido na época vitoriana – o medo da loucura – utilizando para isso a transformação psicológica de um narrador que a princípio era uma pessoa comum, gentil e amorosa. O alcoolismo, que é mencionado superficialmente para justificar a morte de Plutão, parece ser somente um subterfúgio para angariar a simpatia do leitor e não é mais mencionado no decorrer do texto, sendo possível deduzir que o narrador não estava sob o efeito do álcool no momento do assassinato da esposa. O leitor acompanha a queda vertiginosa do narrador em direção à loucura a medida que julga as incongruências presentes nas explicações fornecidas por este para justificar seus atos atroz e é levado a questionar se o mesmo não poderia ocorrer a sua volta. Dessa forma, o medo e o estigma associado à loucura, que conduzem uma pessoa comum a cometer crimes brutais sem ressentimento ou culpa, é o verdadeiro horror presente na obra e causa um efeito mais aterrorizante no leitor do que uma simples história sobrenatural.

4.3 O barril de Amontillado

No último conto analisado, “O barril de Amontillado”, Edgar Allan Poe mais uma vez utiliza a narrativa em primeira pessoa e a figura do narrador não confiável como instrumentos para a construção do horror psicológico. Desde o início, o leitor é apresentado a um narrador que apresenta seu desejo de vingança e descreve meticulosamente as ações tomadas para cometer o assassinato de Fortunato, porém a ausência dos detalhes sobre as supostas ofensas da vítima reforça a ambiguidade moral da narrativa, lançando dúvidas sobre a veracidade das motivações do narrador e colocando em cheque seu possível desequilíbrio emocional.

Suportei da melhor forma que pude as muitas injúrias de Fortunato, mas quando ele se atreveu a insultar-me, jurei vingança. Os senhores, que me conhecem tão bem a natureza de minha alma, não hão de supor que eu tenha pronunciado qualquer ameaça. (Poe, 2008, p. 101)

Diferente dos narradores dos contos anteriores, o protagonista de “O barril de Amontillado” — Montresor — não demonstra nenhum sinal evidente de arrependimento ou perturbação psicológica. Pelo contrário, sua frieza e racionalidade são demonstradas pela forma como planeja o crime de forma meticulosa, com a intenção de não levantar suspeitas sobre a sua autoria e sair impune: “Fique entendido que jamais dei oportunidade a Fortunato [...] continuei a sorrir-lhe como antes, e ele não percebeu que, agora, eu sorria a ideia de matá-lo” e ainda “Eu

não só deveria punir, como punir com impunidade” (Poe, 2008, p. 101). A insensibilidade do assassino é comprovada quando Fortunato entra em cena e é manipulado por Montresor a seguir docilmente o seu destino fatal, e assim como os leitores, é deixado na ignorância dos motivos que o levaram a morte.

A não confiabilidade de Montresor se manifesta tanto na motivação duvidosa para matar o “amigo” quanto na aparente naturalidade e riqueza de detalhes que ele conta a história que se passou há cinquenta anos. Grande parte do conto é composta por diálogos entre os dois personagens e não é crível que Montresor possa se lembrar exatamente das suas falas e de Fortunato em uma noite de Carnaval que ocorreu meio século atrás, sendo possível inferir, portanto, que boa parte do que é narrado não passa de mera fabricação de sua mente. Como nos outros contos analisados, há um claro distanciamento entre o narrador e o autor implícito, e o texto dá sinais de que o leitor deve suspeitar da moralidade e das intenções do narrador. A afirmação de que “os senhores, que me conhecem tão bem a natureza de minha alma, não hão de supor que eu tenha pronunciado qualquer ameaça” (Poe, 2008, p. 101), ao mesmo tempo que tenta estabelecer credibilidade, sugere ironicamente uma manipulação deliberada do leitor, evocando o mesmo tipo de desconfiança presente em “O coração delator” e “O gato preto”.

O horror psicológico em “O barril de Amontillado” não surge de fenômenos sobrenaturais ou da confissão alucinada de um insano, mas do controle frio e calculado de um homem que executa um assassinato brutal com requintes de crueldade. Montresor não só convence Fortunato a descer voluntariamente às catacumbas como o mantém enganado até os últimos momentos, enquanto o acorrenta à parede e o empareda vivo. A ausência de emoção por parte do narrador é um dos fatores mais perturbadores do conto e é acentuado pelo diálogo entre os personagens, demonstrando que Montresor aprecia cada momento da agonia de sua vítima. Tais elementos ampliam o desconforto do leitor, que, mesmo consciente do destino de Fortunato, é impelido a acompanhar passo a passo a execução do plano sádico.

Além disso, a ambientação gótica é retomada de maneira simbólica: as catacumbas subterrâneas representam não apenas um espaço físico de morte e decadência, mas também a escuridão interior do próprio narrador. O labirinto que Fortunato percorre até seu fim, além de contribuir para a atmosfera de tensão e claustrofobia, pode ser interpretado como uma metáfora para o mergulho no inconsciente perturbado de Montresor. Assim como nos outros contos analisados, Poe transforma o espaço narrativo em uma extensão da mente instável do protagonista, intensificando o efeito psicológico da narrativa.

Em conformidade com a proposta de Poe na “Filosofia da Composição”, “O Barril de Amontillado” é uma história cuidadosamente elaborada para que cada detalhe contribua para

"um certo efeito único e singular". A ironia, tanto dramática quanto verbal, desempenha um papel importante nesse processo. A ironia dramática (o leitor percebe algo que um personagem da história não percebe) ocorre quando o leitor se torna dolorosamente consciente do que acontecerá com Fortunato, à medida que o personagem continua sua descida às catacumbas em busca do barril de Amontillado. Poe ainda contribui para esse efeito ao chamar o personagem de Fortunato (que é tudo menos afortunado) e o vestir com uma fantasia de palhaço ou bobo da corte, já que Montresor pretende enganá-lo como parte de seu plano sombrio.

Há numerosos exemplos de ironia verbal (o personagem diz uma coisa e quer dizer outra) nas palavras de Montresor. O assassino expressa preocupação com a saúde de Fortunato e, diversas vezes, sugere que eles voltem, temendo que a tosse de Fortunato piore devido ao frio e à umidade das catacumbas. Em um desses momentos, Fortunato afirma: "Não morrerei de uma simples tosse" (Poe, 2008, p. 103) e Montresor profere: "Claro, claro..." (Poe, 2008, p. 104). Outros exemplos podem ser vistos quando Montresor brinda à longa vida de Fortunato, bem como quando se diz maçom, mas não no sentido que Fortunato quer dizer, e mostra a colher de pedreiro com a qual irá emparedá-lo. Ao final da história, Montresor se vinga do desavisado Fortunato, cujo gosto por vinho o levou à própria morte e somos lembrados do brasão e do lema da família Montresor. A insígnia simboliza o caráter maligno de Montresor, que, como a serpente, pretende se vingar.

Por fim, vale destacar que a construção da narrativa retrospectiva — com Montresor confessando seu crime após cinquenta anos — insere um último elemento de inquietação: ele jamais foi punido, não demonstra culpa, e talvez esteja se vangloriando do crime. Essa ausência de redenção ou julgamento moral aprofunda a sensação de desconforto no leitor, que se depara com uma frieza quase sociopática. O silêncio final de Fortunato, encerrado pelas palavras "In pace requiescat!" (Poe, 2008, p. 108), soa como uma ironia cruel, selando o horror não com gritos ou fantasmas, mas com o triunfo absoluto da vingança racionalizada. Dessa forma, "O barril de Amontillado" reafirma o domínio técnico de Poe na construção do horror psicológico: ao optar por um narrador frio, lógico e impiedoso, ele cria um efeito de terror que não deriva da loucura escancarada, mas da banalidade do mal — um mal que se manifesta sem remorso e sem redenção.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos contos "O coração delator", "O gato preto" e "O barril de Amontillado" evidenciou a complexidade e a sofisticação com que Edgar Allan Poe constrói o horror

psicológico. Em vez de recorrer a elementos puramente sobrenaturais, Poe mergulha na subjetividade dos personagens, revelando como o medo pode nascer da própria mente. A escolha pela narrativa em primeira pessoa e a ênfase em protagonistas mentalmente perturbados permitem ao leitor acessar diretamente os pensamentos e delírios dos narradores, intensificando o efeito de inquietação.

A aplicação dos conceitos de efeito único, narrador não confiável e do inquietante freudiano revelou-se preponderante para compreender como o autor manipula a percepção do leitor. Poe estrutura suas histórias com precisão, garantindo que cada elemento — do ambiente às falas — contribua para o clima de tensão psicológica. Além disso, o uso da ironia e de espaços simbólicos amplia a ambiguidade entre realidade e ilusão, sanidade e loucura, reforçando o caráter perturbador das narrativas.

Os contos analisados demonstram que a loucura, o remorso, a vingança e a paranoia são tratados por Poe como catalisadores do horror, conduzindo o leitor não apenas a temer o que ocorre nas histórias, mas a questionar sua própria percepção e julgamento diante da narrativa. A figura do narrador não confiável é central para esse efeito, pois obriga o leitor a reconstruir a verdade a partir de fragmentos enviesados, o que transforma a leitura em um exercício crítico e emocional. Conclui-se, portanto, que a obra de Poe permanece atual e influente não apenas por seu conteúdo sombrio, mas pela engenhosidade formal com que conduz o leitor por labirintos mentais que são, ao mesmo tempo, perturbadores e fascinantes.

REFERÊNCIAS

BOOTH, Wayne C. **The rhetoric of fiction**. University of Chicago Press, 1961.

BOTTING, Fred. **Gothic**. London: Routledge, 1996.

COHN, Dorrit. **Transparent Minds**: Narrative Modes for Presenting Consciousness in Fiction. Princeton UP, 1978.

FREUD, Sigmund. O inquietante. In: _____. **Obras completas**, volume 14: História de uma neurose infantil ("O homem dos lobos"), Além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920). Tradução de Paulo César de Souza. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 328 - 376.

LOTHE, Jakob. **Narrative in Fiction and Film**: An Introduction. Oxford University Press, 2000.

PÉREZ, Francisco Javier Sánchez-Verdejo. Poe's Unreliable Narrator: the Reader as a Privileged Witness and the Narrator's Credibility. **Verbeia**, v. 6, n. 5, p. 128-150, 2020. Disponível em: <https://encurtador.com.br/7OPvw>. Acesso em: 14 fev. 2025.

POE, Edgar Allan. O barril de Amontillado. In: _____. **Histórias Extraordinárias**. Tradução de José Paulo Paes. 11ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 101 - 108.

POE, Edgar Allan. O coração delator. In: _____. **Histórias Extraordinárias**. Tradução de José Paulo Paes. 11ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 228 - 233.

POE, Edgar Allan. O gato preto. In: _____. **Histórias Extraordinárias**. Tradução de José Paulo Paes. 11ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 69 - 79.

POE, Edgar Allan. **The philosophy of composition**. Graphic Arts Books, 2021.

POE, Edgar Allan. **The Tell-Tale Heart and Other Writings**. New York: Bantam Classics, 2006.